

## FACEBOOK: EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

NUNES, A. K. F.<sup>1</sup>; NOGUEIRA, A. S.<sup>2</sup>; OLIVEIRA, A. V. B. de<sup>3</sup>; LIMA, E. dos S.<sup>4</sup> & ANDRADE, F. de O<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Pós-Doutorado em Educação, pela Universidade de Salamanca, Professora de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT) e Diretora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Contemporaneidade (GPETEC). E-mail: [andreaknunes@gmail.com](mailto:andreaknunes@gmail.com);  
<sup>2</sup>Mestre em Educação, pela Universidade Tiradentes (UNIT) e Coordenador Pedagógico e Professor do Ensino Técnico Profissionalizante, no Centro de Estudos da Fundação São Lucas. E-mail: [adeiltonthoy@gmail.com](mailto:adeiltonthoy@gmail.com);  
<sup>3</sup>Doutora em Educação, pela Universidade Tiradentes (UNIT), Professora da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), e Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Contemporaneidade (GPETEC). E-mail: [aliceoliveirao.al@gmail.com](mailto:aliceoliveirao.al@gmail.com);  
<sup>4</sup>Mestre em Educação, pela Universidade Tiradentes (UNIT), Professor de Português e de Espanhol, Professor Universitário e Membro Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Contemporaneidade (GPETEC). E-mail: [emerson.lima.professor@hotmail.com](mailto:emerson.lima.professor@hotmail.com);  
<sup>5</sup>Mestre em Educação, pela Universidade Tiradentes (UNIT), Secretária de Educação do Município de Santa Rosa de Lima-SE e Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Contemporaneidade (GPETEC). E-mail: [fabiana.pot@gmail.com](mailto:fabiana.pot@gmail.com).

Artigo submetido em maio de 2020 - DOI 10.32356/exta.v21.n1.44075

### RESUMO

O artigo é resultado de um projeto de extensão que surgiu após Pesquisa de Iniciação Científica, realizada em dez escolas públicas de Ensino Fundamental do estado de Sergipe, que buscava saber quais redes sociais eram mais utilizadas pelos adolescentes dessas dez escolas; onde ficou evidenciado que o *Facebook* era o dispositivo mais utilizado por quase 100% dos estudantes; e está fundamentado em Martín-Barbero (2014) e em Nunes, Lima e Ribeiro (2016). O objetivo do projeto é mostrar aos estudantes os riscos de uma exposição desmedida nas redes sociais, além de alertar acerca das precipitações no

compartilhamento e/ou comentários de determinadas informações. Para tanto, foi aplicada a pesquisa qualitativa descritiva e o estudo de caso, que comprovou a necessidade de um trabalho mais assertivo com os estudantes acerca das ferramentas disponíveis no Facebook, visto que muitos utilizavam inadequadamente estes dispositivos, postando, compartilhando ou fazendo comentários que podem prejudicar os próprios adolescentes. Assim, conclui-se que os estudantes devem ter cuidado no que se refere a postagens, pois devem perceber-se como protagonistas dos seus compartilhamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Exposição. *Facebook*. Responsabilidade Social.

## FACEBOOK: EXPERIENCE WITH ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

### ABSTRACT

The article is the result of an extension project that emerged after a Scientific Initiation Research, executed in ten public Elementary Schools in the state of Sergipe, that sought to find out which social networks were most used by adolescents in these ten schools; where it became evident that Facebook was the device most used by almost 100% of students; and it is based on Martín-Barbero (2014), and Nunes, Lima and Ribeiro (2016). The aim of the project is to show students the risks of excessive exposure on social networks, besides warning about

precipitations in sharing and/or comments on certain information. Hence, qualitative descriptive research and case study were applied, which proved the need for more assertive work with students about the tools available on Facebook, since many of them used these devices inappropriately, posting, sharing or making comments that could harm teenagers themselves. Thus, it is concluded that students must be careful in concern to posts, as they must notice themselves as protagonists of what they share.

**KEYWORDS:** Education. Exposure. Facebook. Social Responsibility.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente as pessoas vivem imersas em um mundo em que as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) se inovam e se propagam constantemente. Em consequência disso, a informação, de forma geral, difunde-se cada vez mais rápido e por

diferentes meios. Sendo assim, estar “informado” significa, muitas vezes, participar de um mundo virtual em que as informações se difundem, podendo, ou não, agregar valores aos sujeitos envolvidos em vários domínios da vida cotidiana.

Para Ribeiro (2008), isto se caracteriza como um dos fenômenos da pós-modernidade, denominado desterritorialização, ou seja, o espaço geográfico já não é obstáculo para algumas situações, e, de certa maneira, essa realidade tem se convertido em problema para algumas pessoas que não filtram aquilo que divulgam nesse espaço tecnológico chamado *internet*, que tem alcançado distâncias inimagináveis.

Quando aplicadas à educação, essas tecnologias possibilitam mudanças expressivas no cotidiano educacional do País. Elas permitem que o acesso ao ensino deixe de estar limitado aos prédios físicos e às metodologias educacionais tradicionais, como, por exemplo, o livro didático e o quadro; e o processo de ensino e aprendizagem passe a ser desenvolvido também por meio dos computadores ou *smartphones*.

Nesse prisma, usar redes sociais, como, por exemplo, o *Facebook*, com uma proposta pedagógica pode atrair a atenção dos estudantes, sobretudo quando se trata de adolescentes e jovens, pois estes correspondem a um público naturalmente digital, ou seja, os chamados nativos digitais. Por terem nascido na era da informação e da tecnologia digital, esses alunos têm extrema facilidade em aprender a manusear ferramentas tecnológicas. Por isso, levar essas ferramentas para a sala de aula pode ser forte atrativo para eles.

Com essa tecnologia, o processo de aprendizagem pode ocorrer na casa do estudante, ou no ambiente de trabalho, caso ele já esteja inserido nesse mercado, ou ainda nas salas de aulas, que muitas vezes são equipadas e informatizadas. Essas salas, tecnologicamente equipadas, são chamadas por Santos (2003) como Ambientes Informatizados de Aprendizagem.

No que se refere ao uso do *Facebook* como uma proposta pedagógica, “[...] es un recurso virtual que posibilita al educador presentar, a su alumno, un modo dinámico, interactivo y bastante atractivo de aprendizaje. Sin contar que ese ambiente es conocido por los alumnos” (NUNES; LIMA; RIBEIRO, 2016, p.5). Esta ação vai além de somente trabalhar conteúdos didáticos, embora também seja possível trabalhá-los por meio desta rede social, mas é importante alertar quanto ao uso das ferramentas disponíveis na rede, que, muitas vezes, não são filtradas pelos adolescentes, e terminam disseminando conteúdos

inapropriados, ou até mesmo falsos, as chamadas *fake news*<sup>1</sup>; além de fazendo comentários inadequados e ofensivos, podendo, inclusive, gerar problemas de ordem judicial. Assim, vale ressaltar que foco deste artigo é a abordagem acerca do uso do *Facebook* que os adolescentes fazem e de que maneira esses indivíduos podem ser orientados.

Nesse quesito da informatização, Martín-Barbero (2014) também reforça a questão da aprendizagem com as tecnologias e relata que a sociedade vive hoje uma era informacional, e que não há idade específica para aprender. Segundo o autor, todas as idades são idades para aprender, isto é, são próprias e adequadas para o aprendizado.

A partir do exposto, é importante sobrelevar que esta produção textual científica é resultado de um projeto de extensão, cujo objetivo é mostrar aos estudantes os riscos de uma exposição desmedida nas redes sociais, além de alertar acerca das precipitações no compartilhamento e/ou comentários de determinadas informações, está fundamentada teoricamente em Martín-Barbero (2014) e em Nunes, Lima e Ribeiro (2016). O projeto surgiu após Pesquisa de Iniciação Científica, realizada em dez escolas da rede pública de educação do estado de Sergipe, num universo de cem estudantes pesquisados, que relataram quais os dispositivos tecnológicos que mais faziam uso e a relevância das tecnologias no cotidiano de cada um.

Vale antecipar que o dispositivo tecnológico mais utilizado pelos estudantes, para acessarem a *internet*, é o aparelho celular. Nesse quesito, também é importante destacar que esse dado não é uma realidade exclusiva das instituições de ensino sergipanas, tendo em vista que o uso do telefone celular ou *smartfone* se consolida como o principal meio para acessar a *internet* no Brasil, conforme dados divulgados pelo Suplemento de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 22 de dezembro de 2016.

No que se refere ao uso desse recurso por estudantes, a pesquisa realizada pelo IBGE anunciou que 97,3% eram estudantes de escolas particulares e 73,7% de escolas públicas, e que 57,5% desse público têm 10 anos ou mais de idade, o que corresponde a 102,1 milhões de pessoas. Quanto aos jovens entre 18 ou 19 anos, o percentual chega a 82,9% da população.

---

<sup>1</sup>Termo em inglês que se refere a notícias falsas divulgadas e propagadas em *sites* de internet.

Em todos os grupos compreendidos na faixa de 10 a 49 anos de idade, a pesquisa do IBGE mostra que o uso da *internet* ultrapassou 50%.

Ao analisar os dados e o aumento de acesso à rede, é possível depreender que a *internet* não só torna acessível a informação a qualquer pessoa, como também assume uma tendência de autocomunicação. Nesse contexto, além de identificar os dispositivos tecnológicos utilizados pela grande maioria dos alunos pesquisados, a pesquisa também pretendia identificar quais redes sociais eram mais utilizadas por esses estudantes, e de que maneira eles as utilizavam.

Segundo Martín-Barbero (2014, p. 126) “Estamos diante de um movimento de descentralização, que retira o saber de seus dois lugares sagrados, os livros e a escola [...]” isto é, a sociedade atual é o movimento das destemporalização dos saberes.

Entretanto, é mister entender que, dependendo do uso que se faça dos seus recursos, o *Facebook* pode ser favorável, mas também pode se tornar um vilão, quando não se filtra aquilo que está sendo divulgado. Além disso, é preciso assimilar que as pessoas que fazem uso inadequado desses recursos podem e devem ser responsabilizadas por seus atos e publicações indevidas.

Essa realidade pode ser facilmente comprovada, pois as emissoras de TV brasileiras, quase que diariamente, noticiam casos de pessoas que tiveram seus nomes, injustamente, ligados a fatos depreciativos, como ligação com facções criminosas, ou com desvios de dinheiro público, ou ainda com atos de discriminação racial. Esses casos citados são exemplos reais de quão importante é filtrar a divulgação de informações na *internet*, bem como verificar sua veracidade.

Nesse sentido, as redes sociais, na contemporaneidade, são o principal veículo de propagação de notícias, sejam elas verdadeiras ou falsas. As notícias inverídicas são chamadas, nas redes, de *fake news*. Muitas pessoas, famosas e anônimas, já foram vítimas de calúnias disseminadas nessas redes, por isso, torna-se altamente relevante o estudo acerca do poder de alcance e de destruição que a exposição sem medida na *internet* pode provocar.

Assim, Amarante (2016, p. 28) assevera que:

[...] compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo das redes sociais *online* já que estas alteraram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si (AMARANTE, 2016, p.28).

Justamente por conta do poder que a *internet* exerce hoje sobre as pessoas, em especial sobre os adolescentes, que, muitas vezes, ainda não têm maturidade para, antes de publicar ou comentar algo, certificar-se de verificar se tal conteúdo publicado ou comentado é real ou falso; foi pensado um projeto de extensão que pudesse contribuir com usuários adolescentes dessas redes sociais, especificamente o *Facebook*, a fim de que sejam mais criteriosos na divulgação e compartilhamento de determinadas informações.

Dessa forma, apresentam-se, a seguir, o espaço do projeto de extensão, como ação de intervenção numa escola da rede estadual de ensino da cidade de Aracaju, as razões que levaram à escolha deste espaço, bem como os objetivos e a justificativa para tal atividade.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto surgiu após Pesquisa de Iniciação Científica realizada em 10 escolas da rede pública de educação do estado de Sergipe. A pesquisa teve o foco em investigar quais eram os recursos tecnológicos e os *sites* que os estudantes mais visitavam, e quais dispositivos tecnológicos eram utilizados para conectar-se com o mundo, e obter informações.

Percebeu-se, na ocasião, que os dispositivos tecnológicos que eles mais faziam uso eram seus aparelhos celulares, o que corrobora com os dados do IBGE apresentados anteriormente, e o *site* mais visitado era o *Facebook*, que é uma rede social. Nesse sentido, Nunes, Lima e Ribeiro (2016) ressaltam que as pessoas vivem em redes, dentre elas as sociais, e que essa era digital também trouxe novidades para o espaço da sala de aula.

Partindo da premissa que muitos adolescentes, sobretudo os de classes menos favorecidas, por, muitas vezes, não terem pais ou responsáveis presentes e atentos ao que esses efebos navegam na internet, surgiu a necessidade de trabalhar um projeto de extensão, pois o sentimento era contribuir com a ampliação do olhar dos adolescentes sobre a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e, sobretudo, fazer com que percebessem o nível de exposição ao qual se submetem nos *sites* de redes sociais, neste caso o *Facebook*.

Os *sites*, para Boyd e Ellison (2007), são redes sociais que fazem referência a espaços virtuais que permitem a construção de um perfil individual público do usuário, orientado pela política do sistema, assim como a criação de uma lista de usuários com os quais poderão

estabelecer relações virtuais por meio do cruzamento de dados produzidos em suas páginas pessoais.

Nesse aspecto, Amarante (2014 p.31) também traz uma contribuição acerca do entendimento de rede social, ao afirmar que faz “[...] referência a um conjunto de pessoas, organizações ou entidades sociais conectadas por relacionamentos pessoais, motivados pela amizade [...], relações de trabalho ou compartilhamento de informações”.

Tomando por princípio as palavras dos autores citados, a pesquisa e seus resultados foram motivadores para atuar junto à comunidade, e, desse modo, com o papel de desenvolver uma sociedade mais crítica e conhecedora das potencialidades para atuar no mundo contemporâneo. Nesse sentido, o objetivo foi instruir aos estudantes no que se refere à potencialidade da exposição em redes sociais.

Depois de verificar os dados iniciais obtidos nas dez escolas partícipes da pesquisa, percebeu-se que os casos mais gritantes aconteciam em apenas duas delas. De posse dessa informação, optou-se por ir à Secretaria Estadual de Educação, afim de propor oficina sobre as mídias sociais em escolas públicas estaduais.

Tendo em vista que o projeto só poderia ser realizado em apenas uma unidade de ensino, considerando o tempo, a Coordenadora do Projeto de Extensão, os representantes da Secretaria Estadual de Educação (SEED-SE) e os responsáveis das duas escolas públicas, decidiram o espaço em que iria acontecer a ação, neste caso, na Escola Estadual 8 de Julho, que está localizada na cidade de Aracaju, e dispõe de turmas do Ensino Fundamental II, nos turnos manhã e tarde.

A escolha se deu por questões apresentadas pela equipe diretiva da Unidade durante as reuniões, como baixo rendimento escolar da maioria dos adolescentes, e que uma ação que os tirasse da sala de aula seria altamente produtiva, principalmente uma turma do 7º ano, tendo em vista que os encontros durante a execução do projeto eram realizados no laboratório de informática da escola. Destarte, havia na turma, alunos que costumavam propagar informações nas redes, sem ter o cuidado de verificar se eram verídicas, ou não, além daqueles que costumavam expor-se desmedidamente.

Como dito, a ação foi direcionada aos estudantes matriculados no 7º ano, uma turma composta por 30 alunos, por estarem numa faixa etária que ainda não têm discernimento da potencialidade daquilo que é postado nas redes sociais, e terminam expondo suas vidas de

maneira exagerada, ou ainda por compartilhar, divulgar ou comentar, sem nenhum tipo de filtro, aquilo que, segundo seu entendimento, deveria ser mostrado no *site*, além de, como já explicitado, tratar-se de uma turma com baixo rendimento escolar

Esses adolescentes são vítimas, por conta da pouca idade ou por falta de entendimento, desse uso indiscriminado de informações na rede, não conseguindo compreender a proporção que se pode chegar tudo o que é divulgado na *internet*, principalmente o *Facebook*, que é o meio de divulgação de informações altamente utilizado na contemporaneidade. Nisso se justifica a importância de trabalhar sobre esses assuntos com os estudantes.

Baseado nesse fundamento, Nunes, Lima e Ribeiro (2016, p.6) que a intenção em trabalhar com o Facebook na escola é:

[...] evidenciar que las redes sociales digitales, especialmente el Facebook, deben ser utilizadas con propósitos educacionales bien definidos, pues, si así fuera, ellas prepararán educadores y educandos para desempeñar sus roles con eficiencia y eficacia en la sociedad que viven, y, consecuentemente, la educación cumplirá su finalidad transformadora.

Diante disso, destaca-se que o objetivo do projeto de extensão, que teve um caráter intervencionista, foi mostrar aos estudantes os riscos de uma exposição desmedida nas redes sociais, bem como as precipitações no compartilhamento e/ou comentários de determinadas informações, nem sempre verdadeiras, e quando é publicado, comentado ou compartilhado está definitivamente divulgado e não há mais como reverter tal ato, salvo casos específicos, de tamanha gravidade e de exposição nacional, as vezes até internacional, que, somente após ação judicial, a justiça determina a retirada da informação no *site*.

Entretanto, para que esse projeto fosse aplicado, foi necessário traçar um percurso metodológico que levasse ao alcance do objetivo proposto. Dessa forma, comentam-se, a seguir, os caminhos trilhados até chegar à efetiva aplicação do projeto de extensão.

Inicialmente, como relatado anteriormente, devido à preocupação com aquilo que os adolescentes estavam postando, compartilhando e/ou comentando nas redes sociais, sobretudo com o nível dessa exposição ao qual se submetiam, pensou-se em um projeto que pudesse orientar os adolescentes a filtrarem aquilo que viam na internet, daí surge o projeto de extensão: “Utilizando o *Facebook*: cuidado com a exposição... o mundo está te observando”. Depois de saber que o projeto seria executado na Escola Estadual 8 de Julho, a equipe de

acompanhamento do projeto de extensão aplicou questionários aos estudantes que fariam parte da amostra. Dentre as perguntas que foram abordadas constavam: idade e sexo dos participantes e quantidade de horas que cada estudante passava conectado. Este questionário serviu de mapeamento diagnóstico para definição das ações a serem realizadas.

Outras indagações também estiveram presentes na tentativa de entender como o estudante da Escola Estadual 8 de Julho fazia uso da *internet*, dentre elas: Você acredita que as redes sociais são uma boa via de divulgação, como propagandas e *marketing* em geral? Qual seria, para você, o maior risco da utilização de redes sociais? Em sua opinião, qual a maior vantagem de ter um perfil em uma rede social? Muitas pessoas já realizaram encontros com amigos virtuais. Se isso já aconteceu com você, assinale a alternativa que indica o ocorrido após o encontro. Para esse último item havia algumas opções de resposta, onde o entrevistado deveria marcar aquela que mais se aproximasse de sua realidade.

Após esse período de observação e conhecimento do público partícipe da pesquisa, ficou determinado que o projeto seria executado em dois encontros, onde, no primeiro encontro os estudantes assistiram a uma pequena palestra e participaram de algumas oficinas. Após a palestra, os executores do projeto auxiliaram os alunos acerca das ferramentas disponíveis nesta rede social. Ao final, todos se dirigiram ao refeitório para o momento de lanche dos alunos.

O segundo encontro começou com a seguinte afirmação: “Antes, errar era humano; hoje, errar é eterno”. Os discentes foram incitados a refletir sobre tal afirmação. Vale ressaltar que a proposta era fazer com que eles percebessem que tudo o que é postado na rede, dificilmente será retirado, pois, se alguém republicar ou compartilhar com outros amigos, não haverá como retroceder. Foi um momento bem participativo, onde os alunos puderam falar sobre suas experiências no *Facebook* e sobre algo polêmico que já viram na rede.

Após as discussões, os alunos foram convidados a navegar pelo próprio *Facebook*, a fim de verificar se havia algo por eles compartilhado que pudesse humilhar ou denegrir a imagem de alguém, bem como se havia exposição em excesso de sua própria vida. Vale ressaltar que foram momentos muito divertidos e produtivos, que estão detalhados abaixo.

Diante do exposto e procurando contribuir com a comunidade, o projeto foi elaborado com a finalidade de apresentar aos estudantes a relevância da sociedade atual e as formas de comunicação, a fim de que eles se percebessem como protagonistas dos seus

compartilhamentos, isto é, responsáveis por aquilo que publicam, comentam, curtem ou compartilham.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como base no questionário aplicado, foi possível verificar que os estudantes do 7º ano, do turno matutino, da Escola Estadual 8 de Julho, utilizam a *internet* para comunicar-se, e que 82% dos participantes usam o *Facebook*. Além disso, observou-se também que, dos 82% que acessam esta rede social, 95% o faziam por meio de telefones celulares. Os dados também permitem refletir quanto tempo é gasto diante das mídias e, conseqüentemente, o nível dos conteúdos que são consumidos.

O dado mais relevante, como já mencionado, está no acesso ao *Facebook*, rede esta que possibilita a hibridação com os demais recursos midiáticos e ainda permanece pouco usado no âmbito da escola como recurso de compartilhamento, colaboração e potencialização na troca do conhecimento.

Vale destacar que, para criar um perfil no *facebook*, é preciso disponibilizar informações pessoais, como, por exemplo, sexo, data de nascimento, idiomas, ideologia política, formação educacional e acadêmica etc., ou seja, o usuário é facilmente identificado e encontrado nessa rede, por isso, é elementar um trabalho específico com os alunos acerca do que se divulga na internet.

O projeto foi executado em dois encontros, onde duas oficinas foram realizadas. No primeiro encontro foi trabalhado o tema “Mídia e Sociedade: como as tecnologias mudaram o cotidiano das pessoas”, e no segundo encontro o tema foi “Exposição no *facebook*: entre o real e a fantasia”.

Na exposição do tema 1, os estudantes perguntaram sobre as formas de expor-se nas redes. Além disso, demonstraram certa preocupação, quando foi apresentada a Lei 12. 737, de 30 de novembro de 2012, que criminaliza determinadas publicações na internet, sobretudo no que se refere às *fake news*.

Foi passado para os estudantes que determinadas escritas e fotos no *Facebook* podem servir de provas judiciais para aqueles que realizaram tal divulgação. Nesse momento, alguns estudantes chegaram até a equipe de pesquisadores e comentaram, demonstrando preocupação, acerca de algumas de suas exposições no *site*, o que permitiu considerar que,

através desse primeiro contato, eles já estavam ampliando a forma de apreender o mundo, ou seja, já era possível perceber que eles começavam a entender os tipos de exposições e suas consequências.

Ao final do primeiro encontro, pesquisadores e alunos foram juntos ao refeitório da escola, dialogando ainda mais sobre a temática. Era perceptível o interesse dos estudantes em participar da oficina, tirar suas dúvidas, mostrar algumas de suas publicações, inclusive perguntando se eram certas ou erradas. Foi um momento proveitoso e produtivo.

No segundo encontro, os estudantes chegaram cedo e as perguntas eram: o que vamos aprender hoje? Tem alguma atividade em grupo?

O encontro iniciou com uma discussão acerca da frase “Antes errar era humano; hoje, errar é eterno”. Foi um momento muito participativo, onde os alunos expressaram o que entendiam com aquela frase e de que forma ela tinha relação com a proposta do projeto. Após a discussão, deu-se a explanação do tema “Exposição no *facebook*: entre o real e a fantasia”, o momento foi de organizar as informações no *Facebook*. Em seguida, foi o momento de realinhar o *Facebook* individual. Foi feita uma dinâmica com os estudantes, e, após esse momento, a equipe do projeto passou a acompanhar os discentes no reordenamento do *facebook*. Foi neste momento que os estudantes chamavam e perguntam: “Esta fotografia está me expondo”? “A escrita que coloquei na página de outra pessoa poderia me prejudicar na justiça”?

Os questionamentos foram trabalhados no coletivo e permitiram ampliar a forma de perceber o mundo e dar noção de civilidade que é necessária para viver em comunidade. Ao final desse encontro, o grupo de pesquisadores agradeceu a oportunidade de trabalhar com os estudantes, que, por sua vez, também tiveram a oportunidade de relatar o que viveram nesses dois encontros. A conclusão do projeto se deu com o lanche.

Enquanto saíam da sala de informática em direção ao refeitório, os comentários dos estudantes eram: “Foi muito bom”; “Aprendi coisas que nem sabia”; “[...] veja, eu podia até ser preso ou meu pai (por que sou menor)”; “[...] vou ter mais cuidado com a minha exposição”; “[...] e quando vocês voltarão”? Ouvir esses comentários dos alunos fez com que a equipe percebesse que o principal objetivo do projeto foi alcançado, pois eles perceberam os riscos de uma exposição desmedida em uma rede social.

Mesmo tendo alcançado o objetivo, é válido sobrelevar que ainda há muito a ser trabalhado, no que se refere às postagens dos estudantes nas redes sociais, e que há um longo caminho a ser percorrido, apesar de todo o avanço tecnológico. A ideia que a Universidade precisa sair dos seus próprios muros e aproximar-se da comunidade, é fato. A interferência e o auxílio à comunidade podem criar outros olhares e formas de perceber-se e estar no mundo.

#### 4 CONCLUSÃO

O projeto teve o intuito de mostrar aos estudantes do 7º ano da Escola Estadual 8 de Julho, os riscos de uma exposição desmedida nas redes sociais, e de alertar acerca das precipitações no compartilhamento e/ou comentários de determinadas informações.

Sabe-se que a internet é uma grande rede de busca e se constitui atualmente em infinitos mosaicos em que a informação não só se fragmenta em várias áreas de acesso, mas, principalmente, modifica-se e desloca-se com uma velocidade surpreendente, por isso, essa busca deve ser medida, metódica e acurada.

A relação educação/informação se constitui em um projeto relativamente dinâmico, no qual o movimento e a forma de alcançá-lo refletem a construção de novos modelos metodológicos de pesquisa e de construção do saber. Sendo assim, no âmbito da criticidade do estudante, faz-se necessário possibilitar-lhes momentos de reflexão sobre o uso das tecnologias e a forma de exposição da vida privada que se coloca no universo das nuvens. A relevância dessa consciência crítica contribuirá na formação do futuro desse ser humano.

O projeto se estabeleceu como contribuição à comunidade estudantil e à educação da rede estadual, visto que atuou numa escola em que os estudantes, na sua maioria, têm idade acima do previsto pela legislação educacional e alguns apresentam problemas de exposição desmedida nas redes. Desse modo, a IES confirma sua atuação na pesquisa e contribuição à comunidade externa.

O ato de perseguir determinado tema na *internet* exige que se estabeleçam relações que se diferenciam da aquisição linear de conhecimento. O fato da total ineficiência de um planejamento de ações torna claro que a relação educação/informação deve ser revista, e que apenas trabalhar conteúdos abordados nos livros didáticos fica aquém das expectativas dos alunos. É necessário trazer a realidade dos estudantes para o campo da sala de aula, e essa realidade está diretamente ligada ao uso das tecnologias digitais e ao acesso a redes sociais.

Nesse sentido, é preciso entender que não são apenas os jovens ou adolescentes, ou ainda pessoas de classe média ou alta, que têm o privilégio de estar conectados a uma rede de internet; hoje, grande parte da sociedade está conectada, todos interagem entre si. As redes estão provocando mudanças na organização social, e é necessário aprofundar e discutir mais sobre este assunto.

E a escola? Neste caso é preciso aproximação entre educação e o conteúdo mídias sociais, não só no sentido de saber utilizar, mas como estas podem contribuir para a democratização da sociedade. Trazer as tecnologias para a escola é possibilitar diálogos mais próximos do que se vive cotidianamente, e essa revisão consiste na relação entre aquilo que é divulgado na internet e a filtragem dessas postagens.

Assim, é possível asseverar que antes o erro típico da condição humana era passível de consertos, e poderiam ser perdoados ou até esquecidos; hoje, o erro pode ser publicizado, traumatizado e propagado em nuvem, que, a depender da intencionalidade, pode fortalecer ideias, sonhos e um sociedade civilizada.

Conclui-se, com isso, afirmando que, antes, errar era humano; hoje, no entanto, errar é eterno, e nisso se justifica a necessidade de um trabalho educacional que oriente esses adolescentes ao que postam nas redes, bem como ao que se expõem. O que não quer dizer que essa ação deve acontecer, necessária e unicamente, dentro das escolas, mas sempre buscando potencializar os alunos no desenvolvimento de suas funções comunicativas, sejam reais ou virtuais.

## 5 REFERÊNCIAS

AMARANTE, Lúcia. **Facebook e suas sociabilidades:** contributos da investigação. Cristiane Porto e Edmea Santos (orgs). Facebook e Educação: Publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

BOYD, D. & ELLISON, N. **Social network sites:** Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.in.diana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>> Acesso em 20 Out. 2020.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>> Acesso em 15 Nov. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Subchefia para Assuntos Jurídicos. [Lei 12.737, de 30 de novembro de 2012](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2011/2011-12/lei/112737.htm)**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2011-2014/2011-12/lei/112737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2011-2014/2011-12/lei/112737.htm)> Acesso em 15 Nov. 2020

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na educação**. Tradutoras: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

NUNES. Andréa Karla Ferreira; LIMA, Emerson dos Santos; RIBEIRO, Kalyne Andrade. **Facebook y sus influencias**: estudio de caso en la educación de jóvenes y adultos. Educación formal e informal mediada por tecnologías. Las propuestas de formación abiertas y masivas.

RIBEIRO, Guilherme. **Modernidade e Espaço, Pós-modernidade e Mundo**: a crise da geografia em tempos de globalização. X Coloquio Internacional de Geocrítica, Barcelona, maio de 2008. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/154.htm>> Acesso em 20 Nov. 2020

SANTOS. Edméa Oliveira. **Ambientes virtuais de aprendizagem**: por autorias livre, plurais e gratuitas. In: Revista FAEBA, v.12, no. 18, 2003.